

Rachel Cecília de Oliveira Costa

Imagem como língua: uma leitura flusseriana

Introdução

Dentro do escopo de minhas pesquisas sobre o filósofo Vilém Flusser, a imagem aparece no mesmo nível da ciência, da arte e de outras linguagens. Elas são línguas e enquanto línguas ocupam um papel bastante complexo na estrutura da realidade da cultura. Para tentar esclarecer essa afirmação o texto fará o seguinte percurso: mostrarei o que é língua para Flusser, depois enfatizarei como a língua se configura como estruturadora da realidade, para então explicitar qual a relação existente entre as línguas, quando a imagem aparecerá como uma das formas de estruturação de pensamento. É importante ressaltar que em minha dissertação de mestrado¹ explorei a parte final deste texto, à qual será retomada na conclusão do mesmo.

São dois os motivos que me levaram a estabelecer essa relação. O primeiro se refere ao fato de que no livro *Língua e Realidade* (Flusser 2004) utilizado como referência para a redação deste texto, Flusser estrutura uma ontologia que, segundo minha leitura, serve de base para toda a sua obra posterior, inclusive sua tão aclamada Filosofia dos Media; o segundo motivo se refere à escassa produção de material referente às primeiras obras² do filósofo, que, como mencionei anteriormente, são definidoras para compreender a abrangência de seu pensamento.

1. O que é língua:

Para entender o que Flusser define como língua, partirei de um trecho da primeira página da Introdução de *Língua e Realidade*: “Um mundo caótico, embora concebível, é, portanto, insuportável. O espírito, em sua “vontade de poder” recusa-se a aceitá-lo. Procura no fundo das aparências, uma estrutura graças à qual as aparências, caoticamente “complicadas”, possam ser

¹ Imagem e linguagem na pós-história de Vilém Flusser, defendida em 2007 no departamento de Filosofia da UFMG. Disponível em:

http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/1843/ARBZ-7TSH92/1/disserta_o_rachel_costa.pdf

² Os três primeiros livros escritos por Vilém Flusser foram, na sequência: *A História do Diabo*, *Língua e Realidade* e *A Dúvida*. Neles Flusser erige as bases de seu pensamento. Ele estrutura uma ontologia no *Língua e Realidade*, uma antropologia no *História do Diabo* e uma epistemologia no *A Dúvida*.

explicadas. Essa estrutura deve funcionar de duas maneiras: deve permitir a fixação de cada aparência dentro do esquema geral, deve servir, portanto, de sistema de referência; e deve permitir a coordenação entre as aparências, deve servir de sistema de regras. A estrutura deve ser estática e dinâmica ao mesmo tempo. Fixando o lugar da aparência, isto é, utilizando-nos da estrutura estática, tornamos a aparência apreensível” (Flusser 2004: 31).

Como o caos é insuportável o homem cria uma estrutura organizada, que é a língua. Flusser afirma que essa estrutura é a realidade. Para compreender essa afirmação é preciso partir da forma mais comum de língua que conhecemos: a língua portuguesa. Todos os leitores desse texto são falantes nativos de alguma língua, ou seja, toda relação construída com o mundo de cada um dos presentes foi construída através da língua materna. Dentro desse pensamento toda objeção à estrutura da realidade - assim como o ceticismo - que possa ameaçar a continuidade da civilização é impraticável e refutada pela própria vivência. O que não torna a objeção menos válida ou retira sua capacidade de mostrar problemas na estrutura dessa realidade (Flusser 2004: 32). Isso ocorre porque as objeções afloraram a inautenticidade da própria estrutura da realidade e tornam o estar no mundo inautêntico por. “Entretanto, essa refutação não diminui a vitalidade teórica das objeções levantadas. A mera possibilidade dessas objeções mergulha todo esforço do espírito, portanto, toda civilização, num clima de pragmatismo superficial, num clima de frustração e inautenticidade.” (Flusser 2004: 33)

Segundo Flusser, atualmente enfrentamos várias objeções à estrutura da nossa realidade. Essa situação desencadeou um processo de questionamento dessa realidade. Flusser entende que é nossa função enfrentar esse clima, e esse enfrentamento tem objetivo de tornar claras as buscas absolutas que acompanham a existência humana. O que significa, no seu caso, mostrar a impossibilidade da absolutidade através da linguagem (Flusser 2004: 33).

Essa é uma noção bastante abrangente de língua, no sentido de permitir que várias estruturas não compreendidas como tal no sentido tradicional de língua, possam o ser dentro desse contexto. Mas ao mesmo tempo, Flusser estabelece um limite muito claro para cada uma das línguas, o que torna esse universo restrito e passível de ser investigado. É importante ressaltar que dentro dessa perspectiva abrangente de língua na qual Flusser assenta sua teoria é possível identificar com a língua várias estruturas que fazem parte do nosso pensamento, mas como forma de esclarecer o processo ele se utiliza não só de uma nomenclatura relativa à estrutura da língua no sentido *stricto*, como a utiliza exaustivamente como instrumento de análise, então, durante o percurso do nosso texto também faremos uso dos dois sentidos de língua: o *lato* e o *stricto*, como o próprio Flusser diz.

2. Como a língua se configura como estruturadora da realidade

Para explicitar essa questão Flusser expressa um empirismo que, segundo ele, se assemelha ao de Locke, mas que na verdade se resume à convicção de que toda experiência humana provém dos sentidos (Flusser 2004: 39). Os sentidos captam o que Flusser denomina “dado” e o intelecto é o responsável por transformar os dados em palavras. Ou seja, a matéria bruta do intelecto são os dados (brutos, inarticulados, imediatos e etc, o filósofo não restringe a nomenclatura ou a identifica com a nomenclatura de algum outro filósofo da tradição³) e as palavras, que são elementos de uma língua, sendo que as palavras são consideradas por Flusser também como dados, mas como dados articulados e os dados são também considerados como palavras, palavras *in statu nascendi* (Flusser 2004: 39). A diferença entre os dois se deve ao fato de que o dado bruto exige que o intelecto articule e a palavra que ele converse (Flusser 2004: 47).

Dentro dessa aparente falta de rigor na nomenclatura a seguinte situação pode ser colocada: se língua é algo absurdamente abrangente a ponto de serem línguas a ciência, a arte e a imagem, todo esse universo plural constitui a realidade. Por isso, dado bruto, palavra e regras necessitam ser conceitos amplos o suficiente para abarcar toda essa pluralidade.

Essa estrutura parece muito comum e característica, mas a questão é que os dados brutos não são realidades extralingüísticas, eles são realidade porque são língua em potencial. Nessa estrutura argumentativa, a característica de símbolo da palavra se perde, pois apesar de as palavras serem percebidas como símbolos elas não o são, pois apontam para o **nada**, não para algo fora da língua que justifique o termo enquanto tal (Flusser 2004: 41).

Assim, o caráter simbólico da língua deve ser pressuposto como condição e não como convenção, pois não há como retornar ao pré-lingüístico, pois é como ir à anterioridade da realidade (Flusser 2004: 42). Isso significa que a análise clássica da frase que pressupõe a identificação entre a frase e a realidade é falsa, portanto a definição de verdade também se perde. Verdade passa a ser então qualquer afirmação que obedece às estruturas e regras da língua em questão (Flusser 2004: 43). O que significa que só podemos afirmar uma verdade relativa, já que cada língua possui seu sistema de regras (Flusser 2004: 45).

³ É importante ressaltar que Flusser não se mostra rigoroso com a nomenclatura. Vários termos consagrados pela tradição são utilizados significando outra coisa, assim como vários termos diferentes são utilizados para falar da mesma coisa. Além, disso, bem no início do primeiro capítulo do *Língua e Realidade* o filósofo afirma estar de acordo com o empirismo, ou seja, com o fato de que todo o conhecimento provém dos sentidos. Para tanto ele cita Locke. A escolha desse empirista pode gerar certa confusão, justamente pelo uso do termo “dado bruto” com um sentido diferente do utilizado por Locke.

Para compreendermos isso podemos utilizar o exemplo do próprio Flusser:

Frase: Chove!

Dado Bruto: chuva caindo pela janela.

A questão é que quando se olha pela janela e vê-se a chuva já se está articulando, pensando, ou seja, a própria percepção da chuva já é linguística. É por isso que não existe realidade para além da língua (Flusser 2004: 45). O que existe é um abismo intransponível entre o dado bruto e a palavra (Flusser 2004: 46). Apesar de se poder mergulhar no dado bruto em busca de seu significado, esse mergulho termina onde começa a palavra (Flusser 2004: 47), ou seja, cada palavra de uma determinada língua tangencia de uma determinada forma a experiência sensível que se constitui como dado. Portanto, palavras são símbolos significando o indizível, ou seja, o nada. Na progressão da argumentação Flusser quase nos faz cair em uma armadilha fácil, a de afirmar a sinonímia entre dado bruto e nada. Isso porque dado bruto e nada são potencialidades caóticas, mas o são de tipos diferentes. O dado bruto vem do nada, mas não é nada, pois a partir do momento que é afirmado como dado bruto deixou de ser nada e passou a ser língua em potência, língua *in statu nascendi*. O processo de articulação já foi iniciado.

Essa estrutura não só soa kantiana, como o próprio Flusser confirma que tem essa influência, mas que, ao contrário da de Kant, foi pensada para a pluralidade das línguas existentes. Inclusive, ele afirma que Kant fez, na verdade, uma análise do alemão (Flusser 2004: 51). Ao mesmo tempo em que concorda de certa forma com Kant, acrescenta a afirmação da pluralidade linguística. Além disso ao identificar a realidade com a língua, a dualidade essência e existência – coisa em si e fenômeno - se dilui transformando-se em nada, pois a realidade não está fora do intelecto nem no intelecto, mas na língua. Assim, tanto dado bruto quanto intelecto são potências que podem se realizar de maneiras diferentes, dependendo da língua em questão (Flusser 2004: 53).

A hipótese fundamental do livro é: “O caos irreal realiza-se na forma das diversas línguas” (Flusser 2004: 131). Deste modo, é a organização do caos irreal que faz realidade. O Eu e o não-Eu são limites ontológicos, horizontes da língua. São limites nos quais a língua não consegue chegar, pois o eu só o é quando articula. Só na articulação linguística do não-eu ele é possível. Tudo para além disso é nada. “Surge, pois, a seguinte situação: o conjunto das línguas, este conjunto das potencialidades realizadas, surge do nada do Eu e Não-eu e expande-se em direção do mesmo nada.

Tem sua origem no nada e procura este nada” (Flusser 2004: 132). Eu e Não-eu são limites de toda conversação. Acerca deles surge o horizonte de possibilidades do caos irreal, do nada.

O nada é, na verdade, todo o horizonte de possibilidades de realidade, ou seja, de língua. Por isso a realidade vem do nada e trata do nada. Como o indizível é nada não há qualquer conteúdo (substância) que embasa a conversação. Dessa forma, Flusser delimita a língua, delimita a realidade, para além de qualquer relação simbólica real.

Ao separar dizível de indizível, Flusser retira da sua responsabilidade a tentativa de falar sobre o nada, tentativa à qual, segundo o filósofo, toda a filosofia se dedica. Assim, ele delimita um território de atuação, mas um território em expansão. E o que vai interessar a ele são as formas de expansão desse território (Flusser 2004: 133). Essa expansão é feita pela arte, na sua definição mais abrangente, tão abrangente quanto a definição de língua com a qual iniciamos o texto.

3. Relação entre línguas

Ao afirmar a sinonímia entre língua e realidade e pressupor a pluralidade linguística, uma questão vem à tona: como pode haver pluralidade linguística se minha realidade é fundada na estrutura da língua materna? Essa questão se fundamenta, pois ao falar de tradução os espectros da coisa em si e do eu absoluto retornam, já que vem à mente que se traduzo alguma coisa transformo uma frase de uma língua na mesma coisa em outra língua (Flusser 2004: 56). Essa falácia é facilmente desmentida se pensamos em línguas como a arte e a imagem, mas não tão simples isso parece quando outras línguas entram em questão, até porque, como diz o próprio Flusser, independentemente de se saber ciência bombas explodem em todos os lugares.

Como já foi dito, não existe uma relação de verdade entre frase e realidade e como não existe essa relação de verdade obviamente não existe também uma relação de verdade entre frases de línguas diferentes. O processo de tradução é realizado por estrutura e não por referência. O que significa que um lugar na estrutura de uma língua é traduzido pelo mesmo lugar ou por um lugar aproximado na estrutura da outra língua (Flusser 2004: 57). Isso é facilmente perceptível se pensamos em uma tradução simples do português para o inglês:

Português: vou

Inglês: I will go

Além das diferenças estruturais claras na tradução - a frase em inglês exige verbo auxiliar e sujeito - o verbo “ir” em português tem função de verbo auxiliar, o que não acontece, pelo menos na mesma extensão, em inglês. Então, não é possível fazer a seguinte tradução:

Português: Vou andar de bicicleta

Inglês: I go ride a bike

Assim, Flusser afirma que a tradução pode ser mais legítima quanto mais próximas são as estruturas ontológicas das línguas de origem e destino (Flusser 2004: 58). Essa situação de percorrer duas realidades que o processo de tradução exige gera uma sensação de irrealidade que é mitigada pela força que a língua materna possui sobre o intelecto (Flusser 2004: 59). A questão é que um intelecto português se ancorará no português, mesmo quando pensando em outra língua. Por isso não há sensação de irrealidade ao se falar outro idioma. O que acontece é um processo de tradução entre línguas.

Flusser, ao mencionar a ciência como uma língua, justifica o fato do intelecto não pensar continuamente em ciência devido à sua novidade, ou seja, que há relativamente muito pouco tempo que a ciência moderna foi criada. Essa justificativa também pode ser estendida à imagem, pois dentro do universo da imagem tradicional cada cultura pensava dentro do universo de sua própria produção imagética, assim como durante grande parte da história. Com a imagem técnica⁴, estruturou-se uma nova linguagem, ou melhor, ela propõe uma modificação linguística com a qual nosso intelecto ainda não consegue lidar sem auxílio de nossa língua materna. A imagem é ainda uma língua não autônoma e por isso precisa do português para ser articulada. É exatamente disso que Flusser está falando no *Filosofia da Caixa Preta*, dessa necessidade de se estruturar uma decodificação de imagens (Flusser 2002: 14). Flusser afirma que há, inclusive, a dificuldade de compreender as categorias de mundo que esse novo meio de comunicação traz: “A nossa dificuldade em defini-los [os aparelho] se explica:

⁴As imagens técnicas são imagens produzidas por aparelho, imagens pós-alfabéticas (PH: 98). São produto de escrita digitalmente codificada. Isso significa que as imagens técnicas não são abstração de primeiro grau, ou seja, como as imagens tradicionais, elas são produto de equações científicas, de modulações binárias que geram como resultado a imagem, o que acontece por que o aparelho possui determinadas características que faz com que ele capture a luz que está do lado de fora dele e a imprima em material sensível, formando a imagem. Por isso, as imagens técnica são produto indireto de textos, “o que lhes confere posição histórica e ontológica diferente das imagens tradicionais” (FCP: 13).

aparelhos são objetos do mundo pós-industrial, para o qual ainda não dispomos de categorias adequadas. [...] Querer definir aparelhos é querer elaborar categorias apropriadas à cultura pós-industrial que está surgindo.” (Flusser 2002: 22-23)

Dessa forma, assim como há regras para a estrutura do português deve haver uma estrutura, mesmo que mínima, de regras para compreender as imagens. Nesta mesma perspectiva, Flusser afirma que a irrealidade da ciência se deve ao seu desprendimento da “coisa em si” devido a sua novidade e às suas características. A questão é: acontece exatamente o contrário com a imagem técnica. Ela possui uma sensação de realidade enorme, como se tivesse ocorrido uma equivalência entre “coisa em si” e “fenômeno”. Mas, na verdade, o que ocorre é apenas uma ilusão de equivalência. A pergunta continua, porque a imagem técnica se constitui como uma nova linguagem e caminha exatamente na contra-mão das demais novas linguagens, tais como a própria ciência e a arte?

Não consigo responder a essa pergunta, mas me parece uma questão pertinente e interessante de ser investigada futuramente. O que a imagem técnica faz, na verdade, é o mesmo que a ciência e a arte fazem, ou seja, são línguas fornecedoras de dado bruto para o universo, no nosso caso, das línguas. Através da nossa experiência vamos tentando articular essa quantidade ainda ininteligível de dado bruto. Às vezes só tangenciamos esse dado bruto, às vezes apreendemos parte dele. Com o tempo conseguimos cada vez mais articular esse dado bruto, mas a articulação completa dele não é alcançável. Essa nova expressão de uma linguagem aparece ao meu intelecto “português” como dado bruto, como dado não articulado pelo meu intelecto.

Além disso, o intelecto não lida apenas com frases e palavras, mas com o silêncio do qual tudo vem e vai. Esse é o lugar da intuição, da visão imediata e que faz parte da constituição do EU (Flusser 2004: 50). Nesse sentido tanto a imagem técnica, como a língua portuguesa têm origem no silêncio e por isso são línguas. A diferença é que a forma de articular da imagem técnica é totalmente diferente e por ser menos precisa é muito mais descobridora, muito mais articuladora desse silêncio.

Conclusão

Pode-se perceber que Flusser afirma haver uma relação intrínseca entre as línguas. É através do intercambiamento de “palavras” e de suas respectivas decifrações e traduções que o tecido da

realidade enriquece e aumenta. A arte é a responsável por criar a realidade, portanto, ela se manifesta em todas as línguas, para tornar o terreno da realidade de cada universo linguístico frutífero.

A imagem se configura, dessa forma, como uma das línguas que compõem o terreno de nossa realidade e, enquanto tal, deve ser compreendida e vivenciada.

Referências:

Flusser, Vilém (2004). Língua e Realidade. São Paulo: Annablume.

Flusser, Vilém (2002). Filosofia da caixa preta. São Paulo: Relume Dumará.